

*[Texto enviado para os participantes do encontro do dia 25/10/2019, promovido pelo projeto Cinema, Sujeitos e Territórios.]*

\*\*\*\*\*

*“A prática do cinema documentário não depende, em última análise, nem dos circuitos de financiamento, nem das possibilidades de difusão, mas simplesmente do bem querer – da boa graça – de quem ou o quê escolhemos para filmar: indivíduos, instituições, grupos.”,*  
*Jean-Louis Comolli*

Oies!

Semana passada tivemos um encontro com [Derradeiro](#). Destaque para a conversa que tivemos sobre os modos de produção no cinema, principalmente sobre a diferença entre ficção e documentário. Pensamos em algumas maneiras de entender essa separação e levantamos possibilidades de pensar um cinema documentário que foge do modelo em que o documentarista chega com uma ideia e só usa o contato com o outro para prová-la; um modo de produção que acaba servindo muito como ferramenta de estudo e análise à etnografia, à sociologia, à antropologia...

Mas tem também um documentário que se faz “[sob o risco do real](#)”, palavras usadas pelo Jean-Louis Comolli. Um cinema em que prevalece o encontro, a relação, o contato. Já não se trata mais de uma pessoa falando sobre a outra, mas das pessoas falando sobre si mesmas. Ou nem falando, agindo, sendo, e a câmera perambulando por esse ser e sendo parte dele. O papel do cineasta vai muito mais para o lado de promover encontros ou angariar condições para que experiências de alteridade aconteçam. E, esteticamente, pensar em como a câmera, o som, a filmagem em si, pode ser ela mesma mobilizadora desse processo. Não é um documentário observacional, é um documentários de acontecimentos – que não são tanto registrados quanto são os próprios criadores das imagens.

Na sexta, fizemos ainda uma prática de fotos narradas. É por aí. Em uma, duas, três linhas, o cineasta, que deixa de ser exclusivamente artista ou documentarista e se torna mil coisas (um pouco educador, um pouco amigo, um pouco cuidador), propõe uma máquina que busca dar início a um encontro audiovisual. Fizemos:

- Cada um faz a narração de uma foto. De memória;
- Escolher alguém da roda;
- Tirar 3 fotos dessa pessoa mobilizadas pela ideia de movimento;
- Pensar uma relação de montagem entre as fotos.

A criação de imagens e sons é o início e o fim da proposta. Não é, entretanto, nem o objetivo e nem o ponto de partida. É a consequência: o desdobramento. A expectativa é a de ter bases para dar início a um encontro.

Pensando nisso, reunimos algumas recomendações de filmes que dialogam com foto narrada e filmagem sob o risco do real:

- Baronesa (Juliana Antunes)
- A Vizinha do Tigre (Affonso Uchoa)
- Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar (Marcelo Gomes)
- Edifício Master (Eduardo Coutinho)
- Cabra Marcado para Morrer (Eduardo Coutinho)
- Vazio do Lado de Fora (Eduardo Brandão)
- Noirblue (Ana Pi)
- Um Filme de Verão (Jo Serfaty)

Na próxima sexta, dia 1/11, estaremos na C100 do IACS.

Bjs